

VIOLÊNCIA NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

J. V. B. CABRAL¹, D. E. DE M. MENDONÇA², F. K. DA S. RODRIGUES³Centro Universitário da Vitória de Santo Antão¹, Centro Universitário Maurício de Nassau^{2,3}ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0001-8836-7875>¹jvbcabral@gmail.com¹

Submetido em 13/04/2017 - Aceito em 19/04/2021

DOI: 10.15628/holos.2021.5877

RESUMO

A violência configura-se como um fator presente nos diversos espaços sociais do Brasil, mostrando-se sob um aspecto que parece ser preexistente no ente social, como se a sociedade a absorvesse como característica genérica, destacando-se na esfera do cotidiano e aparecendo como algo costumeiro. Este estudo objetivou analisar os fatores que influenciam nas diferentes formas de violência na infância e adolescência. Trata-se de uma revisão integrativa descritivo-exploratória com busca realizada na BVS, por meio das bases LILACS, BDEF e MEDLINE, entre os anos 2005 a 2016, com combinação dos descritores e síntese dos achados através de tabulações.

Evidenciaram-se como formas de violência: comportamento agressivo e suicida; banalização; consumo de drogas e conduta infracional, sofridas e praticadas devido à obesidade, à depressão e *bullying*, associados à violência familiar e à imaturidade da adolescência. Conclui-se que a violência nesta população tem íntima ligação à violência sofrida no seio familiar e também à imaturidade deste período, com reflexos presentes no ambiente escolar e social. Sugere-se a implementação de mecanismos que possam estimar a ligação violência-criança-família-escola e possíveis desvios resultantes das agressões sofridas e praticadas.

PALAVRAS-CHAVE: Violência, Infância, Adolescência.

VIOLENCE IN CHILDREN AND ADOLESCENCE: A DISCUSSION NEEDED

ABSTRACT

Violence is a factor present in the various social spaces of Brazil, showing itself in an aspect that seems to be pre-existent in the social entity, as if society absorbed it as a generic characteristic, standing out in the sphere of daily life and appearing as something customary. This study aimed to analyze the factors that influence the different forms of violence in childhood and adolescence. This is a descriptive-exploratory integrative review with a search carried out in the VHL, using the LILACS, BDEF and MEDLINE databases, from 2005 to 2016, with a combination of descriptors and synthesis of the findings through tabulations. They were evidenced as forms of

violence: aggressive and suicidal behavior; Trivialization; Drug use and misconduct, suffered and practiced due to obesity, depression and bullying, associated with family violence and the immaturity of adolescence. It is concluded that violence in this population is closely linked to the violence suffered within the family and also to the immaturity of this period, with reflexes present in the school and social environment. It is suggested the implementation of mechanisms that can estimate the violence-child-family-school connection and possible deviations resulting from the aggressions suffered and practiced.

KEYWORDS: Violence, Childhood, Adolescence.

1 INTRODUÇÃO

A vida em sociedade, na atualidade, enseja à existência da violência em suas diversas formas, tendo se tornado algo corriqueiro e já não mais motivo de espanto. A violência configura-se como um fator presente nos diversos espaços sociais do Brasil, mostrando-se sob um aspecto que parece ser preexistente no ente social, como se a sociedade a absorvesse como característica genérica, destacando-se na esfera do cotidiano e aparecendo como algo costumeiro que infelizmente tende a acontecer no dia a dia, ou seja, tendo seu lugar já “delimitado” na vida das pessoas (Guimarães & Campos, 2007).

Em virtude de tal questão se fazer presente com certa força no cotidiano das pessoas, faz-se necessária uma abordagem conceitual sobre as características da violência e também acerca dos fatores intrínsecos e extrínsecos ao seu surgimento e existência. Tão necessário quanto tal abordagem é a identificação de grupos mais passíveis de serem vítimas dessa circunstância: as crianças e adolescentes, por diversos motivos que se mostram para a propagação da violência em seu meio, mas principalmente por serem mais vulneráveis e estarem menos protegidos (Martins, 2013).

Desde sua casa, primeiro meio social em que está inserida como indivíduo, a criança começa a estabelecer laços afetivos com seus genitores e com outros parentes, principalmente irmãos. Porém, por muitas vezes, tais ligações são rompidas por situações de agressividade, em que há um estranhamento por parte da criança, que acredita que deveria haver apenas afeto no seu reduto. Isso afeta seu crescimento e as relações psicossociais do indivíduo, quando muitas vezes lhe causa a morte ou algum tipo de injúria ou seqüela, seja ela de ordem física ou psicológica (Teodoro, Moraes, Carolina, & Freitas, 2002).

No mundo, a violência é uma das causas principais de mortalidade de indivíduos entre 15 e 44 anos, sendo especificamente apontada a violência doméstica como principal agente fatal na mesma faixa etária do sexo feminino. Em vista disso, em 1996, a 49ª Assembleia Mundial de Saúde definiu a violência como sendo “um dos principais problemas mundiais de saúde pública”, estigma ainda presente nos dias atuais. No caso brasileiro, acidentes e formas de violência são a terceira causa de mortalidade na faixa etária compreendida entre 1 e 39 anos de idade (Velooso, Magalhães, Dell’Aglia, Cabral, & Minayo, 2013).

Ainda que se analisem as diversas formas de violência, elas são avaliadas isoladamente ou como uma questão única. Não se leva em conta, na maioria dos casos, a coocorrência de diversos tipos de violência, como física (agressões), psicológica (verbal ou não verbal, até mesmo por meio digital) ou sexual. A polivitimização (uma mesma pessoa vítima de mais de um tipo de violência) tem sido infelizmente, recorrente entre crianças e adolescentes (Barreira, Lima, & Avanci, 2013).

A violência, como é concebida hoje, é proveniente de fatores de diversas ordens: econômica, social, cultura, política e tantas outras. Não se pode definir apenas uma causa única que dê ensejo à violência. A amplitude do problema social é ainda aumentada pela inércia do Estado em, muitas



vezes, coibir comportamentos violentos, mantê-los impunes por considerar de menor potencial ofensivo (Oliveira & Martins, 2007).

A família, então, tem um papel importante no estabelecimento de relações que permitam um desenvolvimento adequado dos conhecimentos e emoções da criança-membro. O apoio do ente familiar deve ser denotado em todos os seus aspectos e o processo de prevenção da violência (tanto intra quanto extra doméstica) deve ser acompanhado por equipes de saúde específicas, a fim de identificar as causas e empreender os melhores esforços para saná-las, permitindo assim a proteção das populações familiares (Souza et al., 2014; Andrade & Bezerra Jr., 2009).

A escola também tem responsabilidade no que tange ao desenvolvimento do diálogo com a criança e o adolescente. A educação em si proporciona a troca de experiências entre discente e docente; portanto, por ser o principal ambiente de vivência extra familiar dos jovens na faixa etária de 3 a 18 anos, torna-se mais fácil identificar ocorrências de violência quando se estabelecem laços de confiança entre a instituição e os alunos. A comunicação é importante para detectar atos violentos que estão ocorrendo dentro e fora da escola, permitindo assim que se acionem os mecanismos responsáveis para reprimir e coibir tais atitudes (Oliveira & Martins, 2007).

É necessário, portanto, que o combate a violência provenha de uma ação conjunta, racional e organizada, desde o indivíduo até os grupos sociais. Pela prevenção pode-se iniciar um processo de identificação de casos de violência ou de potenciais situações que possam ensejá-la. Consideram-se também, a união do ente estatal com o ente social, nas mais diversas esferas ambientais (casa, escola, trabalho), visando assim uma efetiva redução dos casos de violência em todas as suas formas (Paim, Costa, & Vilasbôas, 2009).

Tendo a violência, assumido uma posição comum nas sociedades atuais, tornando-se um novo estigma aos indivíduos que participam dela, seja como vitimados ou como executantes e sua ocorrência está cada vez mais frequente no ambiente intra e extradomiciliar, afetando as famílias em seus eixos constitucionais e sendo indiferente à faixa etária, sexo, raça e demais características sociodemográficas. Desta forma faz-se necessário compreender de que modo a criança e o adolescente estão presentes nesta temática, uma vez que estes fazem parte de um constructo social em formação composto por inúmeros fatores, dentre eles o modo de viver atual que agrega características marcantes na formação de sua personalidade e no âmbito comportamental.

Este estudo objetivou analisar os fatores que influenciam nas diferentes formas de violência presentes na infância e adolescência.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa descritivo-exploratória, que consiste na síntese de estudos sobre o mesmo assunto. Este tipo de revisão obedece seis etapas distintas: elaboração da pergunta norteadora, busca na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos, discussão dos resultados e apresentação da revisão (Souza, Silva, & Carvalho, 2010).



O delineamento deste estudo guiou-se pela seguinte pergunta condutora: “quais os fatores que influenciam as formas de violência na infância e na adolescência?”, a coleta de dados foi realizada a partir de fontes secundárias, por meio de levantamento e análise bibliográfica de publicações realizadas entre os anos de 2005 a 2016, objetivando um corte atualizado de publicações atuais e através da busca pelas palavras-chave na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) por meio das fontes de dados Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados da Enfermagem (BDENF) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE).

Consultando-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH), foram selecionadas: “violência”, “infância”, “adolescência”, combinando-os de forma conjunta com o operador booleano “and”, com coleta realizada entre os meses de Janeiro a Fevereiro de 2016. Os critérios de inclusão definidos para a seleção foram: artigos publicados em língua portuguesa, disponíveis on-line de forma gratuita, com texto completo, que retratassem a temática referente à violência na infância e adolescência, artigos publicados e indexados nos referidos bancos de dados no período já mencionado. Excluíram-se artigos de opinião e editoriais ou não conformes com os critérios de inclusão. Para a expressão dos dados dos artigos, foram elaborados os seguintes instrumentos de discussão:

Tabela 1: Seleção dos artigos de acordo com as bases de dados utilizadas.

Tabela 2: Formação dos Autores e Cidade/Estado/Região de Correspondência.

Quadro 1: Artigos levantados na BVS de acordo com: Ano; Periódico; Título; Tipo do Estudo e Fator de Origem/Expressão da Violência.

Para apresentação da tabela 2 com o campo “Formação dos Autores”, realizou-se uma busca do nome completo dos autores na Plataforma Lattes, por meio do sistema de pesquisa simples, disponível no Link: <://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>; com acesso realizado em 12/06/2016.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As buscas desta revisão obtiveram 171 artigos científicos, dos quais 10 foram selecionados como amostra e 17 como fomento para discussão e construção teórica do trabalho. De acordo com a Tabela 1, foi possível verificar que a LILACS representou a base de dados com o maior número de artigos, 08 no total.

Tabela 1: Seleção dos artigos de acordo com as bases de dados utilizadas.

Base de Dados	Nº de Artigos Encontrados	Nº de Artigos Excluídos	Nº de Artigos Incluídos
LILACS	138	130	08
BDENF	14	13	01
MEDLINE	19	18	01

De acordo com a Tabela 2 a formação dos autores demonstra um interesse multidisciplinar em relação à temática abordada, sendo apenas um artigo que possui um autor que não é da área



de saúde. Contudo, pode-se observar que a maioria desses profissionais é da psicologia o que corresponde a 60%. Há predominância de estudos na região Sudeste e Sul. Dentre os 10 artigos analisados 4 são da região Sudeste e 3 da região Sul, os demais, 2 da Região Centro-Oeste e 1 da Região Nordeste

Tabela 2: Formação dos Autores e Cidade/Estado/Região de Correspondência.

Formação dos Autores	Cidade/Estado/Região
5 Psicólogos	Juiz de Fora - MG - Sudeste
2 Psicólogas	Ribeirão Preto - SP- Sudeste
3 Psicólogas	São Paulo - SP - Sudeste
1 Advogada e 3 Dentistas	Araçatuba - SP- Sudeste
1 Médica e 2 Psicólogos	Pelotas - RS - Sul
1 Psicóloga e 2 Médicas	Porto Alegre - RS - Sul
6 Psicólogas	Porto Alegre - RS - Sul
2 Educadores físicos	Cuiabá - MT- Centro-oeste
2 Psicólogos	Goiás - GO - Centro-oeste
5 Enfermeiros	Recife - PE - Nordeste

Quadro 1– Artigos levantados na BVS de acordo com: Ano; Periódico; Título; Tipo do Estudo e Fator de Origem/Expressão da Violência.

Ano	Periódico	Título	Tipo de Estudo	Fator de Origem/Expressão da Violência
2012	Revista de Psicologia	A violência familiar sofrida na infância: uma investigação com adolescentes	Descritivo-Transversal-Observacional	Comportamentos agressivos de crianças e adolescentes podem ser, em alguns casos, resultado de violência sofrida no convívio com a <u>família</u> .
2011	Revista Psicologia	Agressividade na infância e contextos de desenvolvimento: família e escola	Descritivo-Transversal-Observacional	A agressividade é uma das tendências de resolução de conflitos interpessoais no ambiente da <u>escola</u> .
2013	Jornal de Pediatria	Prevalência e características de vítimas e agressores de <i>bullying</i>	Descritivo-Transversal-Observacional	Algumas crianças e adolescentes tem sido vítimas de agressão devido à <u>obesidade</u> .
2014	Estudos de Psicologia	Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental	Descritivo-Transversal-Observacional	A violência sofrida por crianças e adolescentes pode resultar, em alguns casos, na <u>depressão</u> .
2014	Rev. Bras. Ciênc. Esporte	Violência e <i>Bullying</i> : Manifestações e consequências nas aulas de educação física escolar	Descritivo-Transversal-Observacional	A exposição contínua de crianças e adolescentes a situações constrangedoras e de forma intencional pelos pares no âmbito escolar definem o <u>bullying</u> .

2009	Cad. Saúde Pública	Planejamento suicida entre adolescentes escolares: prevalência e fatores associados	Descritivo-Transversal-Observacional	O <u>suicídio</u> é um importante problema de saúde pública.
2006	Psicologia em estudo	Agressividade na adolescência: Experiência e expressão da raiva	Descritivo-Transversal-Observacional	A <u>agressividade</u> dos adolescentes se deve, em alguns casos, à fase de instabilidade extensiva a todos os aspectos do indivíduo.
2007	Psicologia Reflexão e Crítica	Norma Social violenta: Um estudo da Representação Social da Violência em Adolescentes	Descritivo-Transversal-Observacional	O que caracteriza fundamentalmente a noção de <u>banalização da violência</u> é a legitimação do uso da agressão como forma de resolução de conflitos de interesses.
2014	Revista Psico	Uso de álcool, drogas, níveis de impulsividade e agressividade em adolescentes do Rio Grande do Sul	Descritivo-Transversal-Observacional	O uso de <u>drogas</u> na adolescência pode causar prejuízos ao desenvolvimento, podendo se estender ao longo da vida
2010	Revista Mineira de Enfermagem	Jovens de unidades socioeducativas em regime de semiliberdade da Funase, Recife-PE: Vivências e expectativas	Descritivo-Transversal-Observacional	A imaturidade comum ao período da adolescência pode levá-los a terem uma <u>conduta infracional</u> .

De acordo com as evidências apresentadas pela amostra, a origem e a expressão da violência na infância e adolescência apresentam características multifatoriais, associadas à relação com a família, escola e características pessoais, como a obesidade, assim como a fatores que se entrelaçam e são presentes no convívio social, como o *bullying* e o uso de drogas, o que leva estes grupos ao desenvolvimento do comportamento agressivo, condutas infracionais, banalização da violência, como se esta fosse comum e muitas vezes, na ideação suicida e tentativas de suicídio.

A discussão dos resultados será categorizada em subtópicos, de acordo com as evidências apresentadas pela amostra (Quadro 1) de modo a permitir uma construção ideológica da questão “Quais os fatores que influenciam as formas de violência na infância e na adolescência?”.

3.1 Família, escola, obesidade, *bullying* e depressão

A violência, ainda que possua diferentes dimensões, relaciona-se diretamente com o começo da vivência social do indivíduo. Em um estudo realizado com 372 alunos adolescentes de uma escola, no estado de São Paulo, deixou evidente que a grande maioria dos alunos entrevistados foi

vítima de violência familiar na infância, prevalecendo, dentre os diversos tipos, o de violência emocional (Pesce, 2009). Pesquisas indicam a probabilidade de que a violência sofrida pela criança acarretará problemas de desenvolvimento em várias fases de sua vida, ficando evidente que o comportamento agressivo e a depressão sofrem influência do seio familiar e do ambiente no qual viveu seus primeiros anos de vida (Teodoro et al., 2002; Pesce, 2009).

Crianças e adolescentes tendem a reproduzir no âmbito social o mesmo comportamento que vivenciam em casa. Ao chegar à escola, seu segundo grupo de desenvolvimento, acaba refletindo um comportamento agressivo contra colegas e professores e também sentimentos de frustração e fracasso escolar. Demonstrando desta forma a falta de capacidade dos mesmos de resolver as questões enfrentadas. A família tem o direito de entender sua importância como formadora da base psicológica do indivíduo (Barbosa, Santos, Rodrigues, Furtado, & Brito, 2011; Joly, Dias, & Marini, 2009).

Numa pesquisa realizada com 622 crianças do ensino fundamental de uma escola pública do Interior de Minas Gerais revelou que crianças acima do peso, ou com sobrepeso, manifestaram maior incidência de sentimentos adversos em relação aos seus físicos. Foi evidenciado que parte dessas crianças sofre ou já sofreram *bullying* por seus pares no âmbito escolar (Miziara & Vectore, 2014; Rech, Halpern, Tedesco, & Santos, 2013).

Na fase que marca a transição entre a infância e a idade adulta, as alterações físicas sofridas nos corpos dos jovens, sobretudo com aumento de peso, pode resultar na falta de satisfação destes, e muitas vezes na não aceitação em determinados grupos de seu convívio, levando-os a serem vítimas de *bullying* e como consequência gerando baixa autoestima e depressão (Forlim, Stelko-Pereira, & Williams, 2014; Rech et al., 2013).

A exposição contínua de crianças e adolescentes a situações constrangedoras e de forma intencional pelos pares no âmbito escolar definem o *bullying*. Foi observado que tanto os agressores que são os que praticam o *bullying* quanto os que sofrem, são vítimas. Essas crianças e adolescentes tendem a isolar-se, com sentimentos de exclusão. A falta de afeto e de inserção nos meios que os cercam pode resultar em quadro de depressão e muitas vezes desencadeiam a agressividade da vítima, levando-a a não mais ser só a que sofre o *bullying*, mas também aquela que pratica (Forlim et al., 2014; Francisco & Coimbra, 2015; Weyboll & Evando, 2014).

3.2 Agressividade e suicídio

O processo de transformação física e amadurecimento do adolescente passando por várias experiências emocionais e assimilando-as, finda por dotá-los da capacidade de questionar e analisar as situações de insucessos vivenciadas. Esta capacidade é definida como comportamento de risco, que para alguns adolescentes pode produzir frutos positivos, já para outros não. O comportamento de risco percebido de forma negativa, pelo adolescente, pode ser facilmente entendido como comportamento agressivo, que pode gerar raiva, redundando em violência (Guimarães & Pasian, 2006).



Quando se toma a agressividade por “normal”, por algo necessário para que as relações sociais possam correr bem, ocorre a banalização da violência. A agressividade produz efeitos nos mais diversos tipos de ligação entre indivíduos, no ambiente doméstico, no ambiente escolar, no trabalho e nos círculos de amizade. A violência pode ser vista até como forma de empoderamento ou de destaque de determinados membros sobre outros, o que tem levado determinados jovens a fazerem parte, tanto ativamente quanto passivamente, dos incidentes de violência (Guimarães & Campos, 2007).

A fase que marca a transição entre a infância e a idade adulta, ou seja, a adolescência caracteriza-se por grandes mudanças na vida da pessoa, independentemente do sexo, com grandes alterações físicas, como a explosão hormonal, trazendo grandes conflitos internos para o adolescente. Todos estes fatores podem desencadear em alguns adolescentes o comportamento suicida. Os conflitos internos, que aparecem nesta fase de vida, podem levar alguns adolescentes a fazerem uso de entorpecentes e de bebidas alcoólicas, e ainda as situações adversas vivenciadas no âmbito familiar, são alguns dos fatores que aumentam a probabilidade de o adolescente cometer suicídio (Baggio, Palazzo, & Ganzo, 2009; Correa, 2011; Vieira, Silva, Lira, Abreu, & Pinheiro, 2007).

O comportamento suicida se manifesta principalmente em adolescentes que tendem a ter ideias constantes de cometer suicídio. Estas ideias tendem a evoluir em alguns adolescentes, levando-os ao planejamento suicida, redundando em comportamentos negativos e destrutivos contra a própria integridade física, chegando ao ponto em que estes tenderão a planejar em que ocasião, em que lugar e de que forma farão para levar a cabo os seus intentos, culminando na prática do suicídio (Baggio et al., 2009).

3.3 Drogas e conduta infracional

O cotidiano metropolitano da atualidade enseja à facilidade de se adquirir todos os tipos de mercadoria, ainda que sejam ilegais. Crianças e adolescentes são seres sociais vulneráveis, que ainda não formaram suas opiniões concretas acerca de todos os tipos de assuntos. Juntem-se esses dois fatores e se terá o tráfico de drogas tanto como causa quanto como consequência da violência infanto-juvenil (Guimarães & Campos, 2007; Veloso, Magalhães, Dell’Aglia, Cabral, & Minayo, 2013).

A procura por novidades no período da adolescência pode, nesta faixa etária, provocar em alguns adolescentes comportamentos de autoafirmação, fator este que os motiva a se relacionarem mais com seus pares, passando a fazer parte de “grupinhos”, deixando de lado o referencial da família (Almeida et al., 2014; Bernardy & Oliveira, 2012).

Este processo de autoafirmação provocado pelas mudanças ocorridas no período caracterizado pela adolescência pode ser considerado como fator de risco, pois a necessidade de autoafirmação pelos adolescentes os leva, na maioria das vezes, a fazerem uso de bebidas alcoólicas e entorpecentes, resultando, em alguns casos, em dependência química. Este comportamento apresentado pelos adolescentes, devido à falta de maturidade, os leva a ter comportamentos de risco, pois os mesmos passam a ter relações sexuais cada vez mais cedo e sem a devida proteção, a



ingestão de bebidas alcoólicas os leva a se envolverem em acidentes de trânsito e o consumo de entorpecentes pode incluí-los no tráfico de drogas (Almeida et al., 2014; Bernardy & Oliveira, 2012).

A falta de sustentação no âmbito familiar vivenciada pelos adolescentes, a falta de qualidade de vida, a falta de estabelecimentos de ensino adequados, traumas, revolta com a situação socioeconômica, atrelada à falta de boas referências no seu cotidiano, são fatores determinantes que redundam na prática de conduta infracional (Garbin, Queiroz, Rovida, & Saliba, 2012).

O contexto social, fatores como os ambientes de convívio comum, tipos de linguagens, classe social, condições econômicas, nível de escolaridade e formas de relações humanas em que o jovem está inserido pode traduzir as potencialidades de conduta infracional. Também é relevante que este é um período marcado por situações de mudanças acentuadas, que concorrem para a necessidade da identificação com pares, e resultam na inserção de grupos, que tenderão a influenciá-los, muitas vezes, a cometer o ato infracional (Bernardy & Oliveira, 2012; Brandão Neto, Brady, Freitas, Monteiro, & Aquino, 2010; Padovani & Williams, 2005).

4 CONCLUSÃO

Os dados apresentados neste levantamento bibliográfico evidenciam que as crianças e adolescentes vivem diversas formas de violência em seu cotidiano tanto no ambiente familiar quanto no ambiente escolar manifestando comportamentos agressivos contra si e conta seus pares. Uma das formas de violência praticada é o *bullying*, que pode resultar em depressão tanto nos que praticam quanto nos que o sofrem, levando, em alguns casos, ao suicídio.

Toda esta forma de violência entre crianças e adolescentes tem uma íntima ligação com a violência sofrida pelos mesmos no seio familiar e também à imaturidade comum destes períodos. Outros fatores que levam à prática da violência é a busca da autoafirmação e também o aumento de peso. As alterações físicas como o aumento de peso podem, em alguns casos, gerar insatisfação do adolescente consigo mesmo, levando-o à prática da violência.

Uma das formas de se lidar com os resultados das violências sofridas na infância é a implementação de novos e o uso de mecanismos já instituídos como o Conselho Tutelar, que possam estimar, com melhor precisão, a ligação entre a família e os indícios de anormalidades psíquicas resultantes das agressões sofridas pelas crianças e adolescentes no convívio familiar, para que através das políticas de saúde pública, os profissionais da área de saúde, possam promover medidas de prevenção e diagnosticar as situações críticas de violência familiar no presente com vistas também, no futuro.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, R. M. M. de, Trentini, L. B., Klein, L. A., Macuglia, G. R., Hammer, C., & Tesmmer, M. (2014). Uso de Álcool, Drogas, Níveis de Impulsividade e Agressividade em Adolescentes do Rio Grande do Sul. *Psico*, 45(1), 65–72. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.1.12727>



- Andrade, E. V. de, & Bezerra Jr., B. (2009). Uma reflexão acerca da prevenção da violência a partir de um estudo sobre a agressividade humana. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 445–453. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000200013>
- Baggio, L., Palazzo, L. S., & Ganzo, de C. D. R. (2009). Planejamento suicida entre adolescentes escolares: prevalência e fatores associados. *Cadernos de Saúde Pública*, 25(1), 142–150. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009000100015>
- Barbosa, A. J. G., Santos, A. A. A., Rodrigues, M. C., Furtado, A. V., & Brito, N. M. (2011). Agressividade na infância e contextos de desenvolvimento: família e escola. *Psico*, 42(2). <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/6791>
- Barreira, A. K., Lima, M. L. C. de, & Avanci, J. Q. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(1), 233–243. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000100024>
- Bernardy, C. C. F., & Oliveira, M. L. F. de. (2012). Uso de drogas por jovens infratores: perspectiva da família. *Ciência Cuidado e Saúde*, 11(suplem.), 168–175. <https://doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v10i5.17072>
- Brandão Neto, W., Brady, C. L., Freitas, R. B. N. de, Monteiro, E. M. L. M., & Aquino, J. M. de. (2010). Jovens de unidades socioeducativas em regime de semiliberdade da FUNASE, recife-PE: vivências e expectativas. *Revista Mineira de Enfermagem*, 14(4), 529–538. <https://doi.org/s1415-27622010000400011>
- Correa, H. (2011). Abuso e negligência na infância e comportamento suicida : pode a epigenética interligá-los? *Jornal de Pediatria do Rio Grande do Sul*, 33(31), 1–2. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082011000100001>
- Forlim, B. G., Stelko-Pereira, A. C., & Williams, L. C. de A. (2014). Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental. *Estudos de Psicologia*, 31(3), 367–375. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2014000300005>
- Francisco, M. V., & Coimbra, R. M. (2015). Análise do bullying escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. *Estudos de Psicologia*, 20(2), 184–195. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150020>
- Garbin, C. A. S., Queiroz, A. P. D. de G. e, Rovida, T. A. S., & Saliba, O. (2012). A violência familiar sofrida na infância: uma investigação com adolescentes. *Psicologia em Revista*, 18(1), 107–118. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2012v18n1p107>
- Guimarães, N. M., & Pasian, S. R. (2006). Agressividade na adolescência: Experiência e expressão da raiva. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 89–97. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000100011>
- Guimarães, S., & Campos, P. (2007). Norma social violenta: um estudo da representação social da violência em adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 188-196. <http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n2/a03v20n2.pdf>



- Joly, M. C. R. A., Dias, A. S., & Marini, J. A. D. S. (2009). Avaliação da agressividade na família e escola de ensino fundamental. *Psico*, 14(1), 83–93. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712009000100009>
- Martins, C. B. D. G. (2013). Acidentes e violências na infância e adolescência : fatores de risco e de proteção. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 66(4), 578–584. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000400017>
- Veloso, M. M. X., Magalhães, C. M. C., Dell’Aglío, D. D., Cabral, I. R., & Minayo, M. M. G. (2013). Notificação da violência como estratégia de vigilância em saúde: perfil de uma metrópole do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(5), 1263–1272. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000500011>
- Miziara, A. M. B., & Vectore, C. (2014). Excesso de peso em escolares: Percepções e intercorrências na escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18(2), 283–291. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182746>
- Oliveira, E. C. S., & Martins, S. T. F. (2007). Violência, Sociedade e Escola: Da Recusa Do Diálogo À Falência Da Palavra. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 90–98. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100013>
- Padovani, R da Costa. Williams, L. (2005). Proposta de intervenção com adolescentes em conflito com a lei: um estudo de caso. *Interação em Psicologia*, 9(1), 117–123. <http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3291/2635>
- Paim, J. S., Costa, H. O. G., & Vilasbôas, A. L. Q. (2009). Política pública e controle da violência: um estudo de caso na cidade de Salvador, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 25(3), 485–494. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009000300003>
- Pesce, R. (2009). Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância : uma revisão da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 507–518. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000200019>
- Rech, R. R., Halpern, R., Tedesco, A., & Santos, D. F. (2013). Prevalence and characteristics of victims and perpetrators of bullying. *Jornal de Pediatria*, 89(2), 164–170. <https://doi.org/10.1016/j.jped.2013.03.006>
- Souza, C. dos S., Costa, M. C. O., Assis, S. G. de, Musse, J. de O., Sobrinho, C. N., & Amaral, M. T. R. (2014). Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes/ VIVA e a notificação da violência infanto-juvenil, no Sistema Único de Saúde/ SUS de Feira de Santana-Bahia, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 773–784. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.18432013>
- Souza, M. T. de, Silva, M. D. da, & Carvalho, R. de. (2010). *Einstein*, 8(1). <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-542638>
- Teodoro, M. L. M., Moraes, B., Carolina, A., & Freitas, H. (2002). Afetividade e Conflito Familiar e sua Relação com a Depressão em Crianças e Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 324–



333. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000200015>

Vieira, L., Silva, D., Lira, S., Abreu, R., & Pinheiro, M. (2007). Relato de dois casos de intoxicação intencional em adolescentes. *Ciência Cuidado e Saúde*, 6(3), 291–299. <https://doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v6i3.4065>

Weyboll, R. W., & Evando, C. M. (2014). Violência e bullying: manifestações e consequências nas aulas de Educação Física escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36(1), 257–274. <https://doi.org/10.1590/S0101-32892014000100017>

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

Cabral, J. V. B., Mendonça, D. E. de M., Rodrigues, F. K. da S. (2021). Violência na infância e adolescência: uma discussão necessária. *Holos*. 37(1), 1-12.

SOBRE OS AUTORES

J. V. B. CABRAL

Graduado em Enfermagem; Especialista em UTI Geral com Ênfase em Gestão de UTI; Mestre em Ciências da Saúde - UPE; Doutorando em Inovação Terapêutica - UFPE. Professor do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão - UNIVISA. E-mail: jybcabral@gmail.com
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0001-8836-7875>

D. E. DE M. MENDONÇA

Enfermeira graduada pelo Centro Universitário Maurício de Nassau- UNINASSAU. E-mail: danie.spin@hotmail.com
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1453-0945>

F. K. DA S. RODRIGUES

Enfermeira graduada pelo Centro Universitário Maurício de Nassau- UNINASSAU. E-mail: francyellekarinny@hotmail.com
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9840-9602>

Editor(a) Responsável: Francinaide de Lima Silva Nascimento

Pareceristas Ad Hoc: EVALDO PAULY E LEANDRO COSTA

